

POETRY SLAM E A FORÇA DA MULHER

Alessandra Marques da Silva Fagundes (UFRRJ)
alemарqfag@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como tema norteador o “empoderamento” feminino. O objeto de estudo são textos do gênero poema, aplicados aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Seropédica, município do Estado do Rio de Janeiro. O trabalho inciou-se pela diagnose sobre afinidade e conhecimento sobre gêneros textuais com estudantes. De acordo com as orientações programáticas da rede, o 9º ano não contempla este gênero, mas, com autorização da equipe diretiva da unidade escolar foi realizado este trabalho como uma atividade complementar. Após compartilhamento de vídeos e textos que abordavam o tema feminismo e os estilos musicais R.A.P e *hip hop*, os alunos fizeram atividades com letras de canções dos referidos gêneros e participaram de um *workshop* de criação de R.A.P. e *hip hop*, para que pudessem enfim, apresentar suas produções durante evento de culminância na unidade escolar em uma batalha *poetry slam*, sempre mantendo o tema norteador como foco de estudo durante todo o segundo semestre do ano letivo.

Palavras-chave:

Empoderamento. Slam. Hip hop.

ABSTRACT

This work has as its theme the “empowerment” feminine. The object of study are texts of the poem genre, applied to students of the 9th year of elementary school of the Municipal Network of Seropédica, municipality of the State of Rio de Janeiro. The study was based on the diagnosis of affinity and knowledge about texts gender with students. According to the programmatic guidelines of the network, the 9th year does not include this genre, but, with authorization from the school unit's management team, this work was carried out as a complementary activity. After sharing videos and texts that addressed the theme feminism and the musical styles R.A.P and *hip hop*, the students did activities with lyrics of songs of these genres and participated in a workshop of creation of R.A.P. and *hip hop*, so that they could finally present their productions during a culminating event in the school unit in a battle *poetry slam*, always keeping the theme guide as focus of study throughout the second semester of the school year.

Keywords:

Empowerment. Slam. Hip hop.

1. Introdução

Sobre a escola incide a maior responsabilidade acerca da formação do leitor. Políticas públicas voltadas ao estímulo à leitura não são

novidade, podendo ser citados o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), projeto que tem como objetivo levar obras literárias para as escolas públicas; Política Nacional de Leitura e Escrita = Lei Castilho (PNLE), voltada a estratégias para contribuir com a leitura, a escrita e o direito ao acesso às bibliotecas; Plataforma Pró-Livro, que é um meio digital para apresentar e compartilhar experiências e projetos para a formação o leitor. Ainda assim o país não obtém resultados de total êxito, pois os variados problemas relativos à educação, “interferem na valorização e ensino da literatura”, conforme observou Zilberman (1988).

A solução proposta relaciona-se ao assumir de uma concepção de leitura segundo o qual o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real. Porém, como sua concretização depende da frequência ao livro, as tentativas de promoção do gosto pela leitura têm desaguado no apelo à aquisição crescente de obras, reforçando os procedimentos consumistas próprios à sociedade burguesa; beneficiam, assim, mais quem os edita do quem os lê. (ZILBERMAN, 1988 p. 17)

Em 2017, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) veio fortalecer o que já era discutido sobre a necessidade das práticas de linguagem e leitura serem amplamente difundidas e que os mais variados gêneros sejam disponibilizados aos estudantes.

[...] Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BNCC, 2017)

Para realizar uma pesquisa-ação em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de Seropédica, Rio de Janeiro, foi feita uma investigação inicial, através de um questionário, do qual se destacam os seguintes resultados:

Gráfico 1: Você gosta de ler?

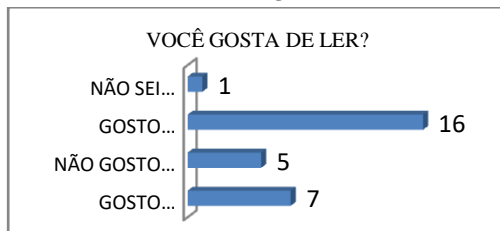
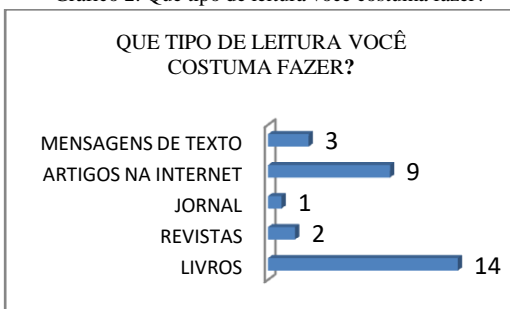


Gráfico 2: Que tipo de leitura você costuma fazer?



Outro ponto motivou este estudo: o desinteresse pelo gênero textual *poema*, que é geralmente desprezado pelos estudantes. Nesta mesma pesquisa, foram perguntados acerca de seus gostos literários e “O que sentem ao ler algum poema?”. Foram apresentadas as alternativas: “Pensa em musicá-lo”, “Fica feliz”, “Sente sono”, “Gostaria de ler mais”, “Acha chato”, “Acha bonito”. Como resultado vemos que são considerados “chatos”, na mesma proporção que os acham “bonitos”.

Gráfico 3: Se pudesse escolher um gênero literário, qual seria?

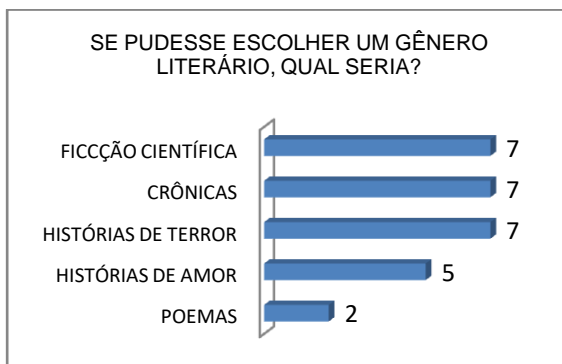
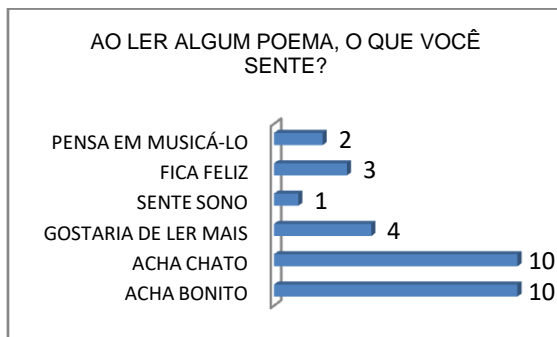


Gráfico 4: Ao ler algum poema, o que você sente?



Assim, após esse momento de diagnose inicial, no qual foram verificadas preferências de leitura e reações ao gênero textual poema, é o momento de iniciar um *brainstorm* com os estudantes sobre assunto que hoje está em voga: o empoderamento feminino, visto que canções de *rappers* e *hiphoppers* e a poesia *slam* tematizada serão foco deste estudo.

O que os adolescentes pensam sobre o assunto? Os conceitos e ideias são partilhados entre meninos e meninas? Há machismo e submissão nesta faixa etária?

Foi pertinente falar sobre feminismo durante esta preparação para o trabalho com as canções. Conforme Alves e Pitanguy (2017, p. 7), “o feminismo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano e que não tem um ponto de chegada”. Ser feminina e ser feminista não precisam ser coisas que se chocam. A imagem da feminista rude e por vezes masculinizada poderia ser deixada de lado, como bem lembra a ativista nigeriana Chimamanda Adichie, pois é possível “gostar de salto alto e variar os batons (...) receber elogios”, sem deixar de ser respeitada por ser mulher.

A questão do gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo mais diferente e mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos e precisamos criar nossas filhas de maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de maneira diferente. (ADICHIE, 2014, p. 122)

Adichie ainda nos fala que “seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero.”

No 4º bimestre do ano letivo, foram compartilhadas letras de canções contemporâneas (nos ritmos musicais *R.A.P.* e *hip hop*). Mantendo o tema gerador “empoderamento feminino”, foram selecionadas canções de algumas mulheres, autoras e intérpretes de músicas que falam do tema em foco. A intenção didático-pedagógica ao utilizá-las foi mostrar que tais letras também são poemas, gênero textual tratado com algum desprezo por uma parte dos alunos, conforme pesquisa realizada.

1.1. Problema

“Por mais que existam atitudes esperadas do gênero feminino, elas estão aí para serem subvertidas. A partir do momento em que o sujeito se identifica como mulher, há atitudes esperadas dele, tais como ser dócil, vaidosa e pacífica.” (MÉDICI; CASTRO, MONTEIRO, 2017, p. 4)

De fato, em uma visão simplista, o que se espera da mulher é uma submissão e uma colocação em um lugar puramente doméstico, sem direitos e sem voz, para manter a tradição de uma sociedade machista, patriarcal, que em insiste em prevalecer em algumas culturas e pode até estar muito próxima do nosso convívio.

Ainda hoje há um preconceito contra a mulher chamada “empoderada” (em neologismo criado por Paulo Freire, adaptado do inglês *empowderment*³⁸⁷) em vários setores da sociedade. As mulheres contemporâneas que iremos citar adiante são artistas que escolheram ritmos musicais predominantemente masculinos para mostrar seu potencial como compositoras e, é claro, como representantes da mulher moradora de periferias brasileiras, dando voz a muitas que precisaram ou preferiram se calar.

³⁸⁷ A palavra, assim como a ação à qual remete, foi ganhando notabilidade a partir de 2011. Em 2013, com a saída do povo às ruas para protestos, ela “explodiu” na internet e, atualmente, já está incluída até mesmo em dicionários tradicionais, como Aurélio e Houaiss. Nessas definições oficiais, ela é explicada como uma tomada de consciência, capaz de realizar mudanças de ordem política, econômica, social e cultural. É por essa razão que ela se tornou um verdadeiro ícone dos movimentos sociais.

2. *Protagonistas contemporâneas*

Para valorizar o gênero textual *poema*, optou-se por trazê-lo sob a forma de letras de música³⁸⁸. Esta não é uma ideia original, visto que tal prática costuma ser apresentada nos planejamentos anuais elaborados pelos professores para serem aplicados em suas turmas, todavia, visando uma identificação e conseqüente melhor aceitação, por parte do grupo de alunos participantes do estudo (adolescentes entre 13 a 16 anos), os ritmos musicais *R.A.P.*³⁸⁹ e *hip-hop*³⁹⁰, foram selecionados.

Foram escolhidas para representar o *R.A.P.* as *rappers* Negra Li e Karol Conká.

Convém salientar que ambas, apesar de negras, não foram escolhidas por este motivo e sim por sua representatividade no cenário musical e suas canções, que, faz-se conveniente dizer, trazem os problemas da periferia em que foram criadas, onde, conforme dados do IBGE, “em 2014, 76% dos mais pobres no Brasil são negros.

³⁸⁸ É conveniente ressaltar que existe uma tendência a não considerar canções como poesia. Conforme Amorim (2017), “há também o argumento de que a função poética da língua funciona bem em letras de canções, mas não as transforma em poemas. Nesse argumento está subentendido que a letra da canção ainda deve ser transformada em poesia. Além disso, também se pode ler nas suas entrelinhas que a letra só funciona porque está contida em uma canção”. Ele continua dizendo que “o termo *poiësis* é um substantivo grego derivado do verbo *poieô*, que significa produzir. Poesia, portanto, vem de produzir, e poema é o resultado dessa produção”. Ele ressalta que não há como definir e classificar o que é de fato um poema, dada a sua enorme diversidade.

³⁸⁹ O *R.A.P.* é um ritmo musical surgido na Jamaica, na década de 1960, chegando aos EUA junto com os jamaicanos, onde se popularizou; já o *funk*, surgiu na década de 1930, com músicos como James Brown e Melvin Parker, porém o *funk* que conhecemos é inspirado em outro ritmo: o *miamibass*, um tipo de *hip-hop*, famoso nos EUA na década de 1980 (<https://super.abril.com.br/cultura/como-surgiram-os-ritmos-funk-e-rap/>).

³⁹⁰ O termo “hip” significa algo atual, que está acontecendo no momento; e “hop” faz associação ao movimento de dança. Seu criador, AfrikaBambaataa, estabeleceu 4 bases principais na cultura hip hop, são eles: o rap (músicas rítmicas com rimas e poesias), o DJ (artista que seleciona e conduz as batidas), a breakdance (dança específica do rap e hip hop, geralmente improvisada) e o graffiti (pintura/escrita artística). Quando o hip hop surgiu, sua base estava nas batidas rítmicas que os DJs criavam para as pausas “loop”, que são trechos pequenos de alguma música que ficam se repetindo. Após isso, o hip hop foi acompanhado pelo rap e tido como um estilo musical e, através disso, foram surgindo algumas formas diferentes de danças improvisadas, como a breakdance. (<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/nutricao/a-historia-do-hip-hop/48433>).

Ambas fazem parte do universo musical habitado pelos jovens. Em seu repertório desfilam canções que falam de amor e da força do habitante da periferia e, é claro, em tempos de “empoderamento feminino”, apresentam maior destaque as canções que enaltecem a força da mulher.

O *hip-hop* no Brasil surgiu no final da década de 1970 e início da década de 1980, em um momento pós-ditadura militar. Deste modo, as ruas puderam voltar a ser palco de expressões artísticas.

A marca do hip hop como cultura de rua revela que, para além de se caracterizar como um modo de intervenção artística, o movimento impõe um modo de viver de se expressar, usando os lugares públicos como espaços de práticas sociais e culturais. Na rua, a ordem era ocupar os espaços para dançar, divertir-se, criar e competir. (SOUZA, 2011, p. 23)

Convém dizer que no movimento *hip-hop*, há uma “soberania” masculina. Alguns grupos exclusivamente femininos e algumas *hip-hoppers*, fazem sucesso entre os apreciadores do gênero.

Destacamos as artistas Nega Gizza, por sua representatividade no movimento cultural do *hip-hop* e uma promessa do gênero: Mc Soffia.

Gisele Gomes de Souza, nasceu em 22 de junho de 1977 na favela do Parque Esperança, em Brás de Pina, Rio de Janeiro. Irmã do *rapper* MV Bill (Alex Pereira Barbosa) e uma das fundadoras e tesoureira da CUFA (Central Única de Favelas), formada por moradores de 107 favelas cariocas, além de artistas, produtores e pessoas ligadas a Associações de Moradores. É uma das criadoras também do Prêmio Hutuz (um dos mais importantes festivais de *hip-hop* do Brasil).

De 1999 a 2000, apresentou o programa “*Hip-Hop Brasil*”, na Rádio Imprensa FM. Fundou o selo Dum Dum Records pelo qual lançou o primeiro disco solo.

Soffia Correia, a Mc Soffia, nasceu em 2004, na periferia de São Paulo. Aos seis anos de idade fazia rimas e subia na caixa d’água de seu prédio para cantá-las. Seus pais são ativistas negros e o empoderamento feminino sempre foi assunto em sua casa. O caminho do *hip-hop* com a temática da negritude e resistência foi algo natural. Canções como *Menina Pretinha* (2016), *Minha Rapunzel tem Black* (2016) e *Barbie Black* (2018) falam sobre o racismo. “Ter falado sobre isso tão pequena foi bom, porque outras crianças novinhas que passam por isso pegam a música como referência e começam a entender o papel dela na sociedade para se empoderar”, afirma a artista.

As artistas selecionadas têm mostrado uma atitude bastante relevante ao tratar de tais temas em suas canções. Durante o estudo as letras de algumas canções de cada uma das artistas citadas, foram trabalhadas com a turma para que eles pudessem conhecer um pouco da visão da mulher periférica sobre os problemas inerentes à vida cotidiana de cada uma delas.

3. *Metodologia desenvolvida*

A pesquisa foi realizada com estudantes com idades entre 13 e 17 anos. A maioria é aluno da Unidade Escolar desde o 1º segmento do Ensino Fundamental e isso faz com que o grupo, que já se conhece há anos, possua uma intimidade adquirida com o tempo e laços fortes de amizade.

Em conversa informal antes de iniciarmos a diagnose sobre literatura e poemas, a maioria afirmou possuir acesso à Internet com planos de dados de suas operadoras em seus celulares e também via *wi-fi*, em casa. Metade da turma possui TV por assinatura.

O núcleo familiar médio conta com cinco pessoas e dentre os alunos presentes, oito deles informaram que ao menos um dos responsáveis possui nível superior.

Tal pesquisa foi realizada sob a forma de bate-papo, para que não fosse causado nenhum tipo de constrangimento, por este motivo os dados não foram tabulados.

Por uma série de problemas estruturais na unidade, que atrasaram o calendário escolar, a “Semana de Língua Portuguesa”, prevista para acontecer no segundo semestre, onde seria promovida uma acabou não ocorrendo, porém o evento “Africanidades” acolheu as produções dos estudantes.

Um *rapper* da região foi convidado para que pudesse estimular os alunos na criação dos textos, no arranjo das rimas e no ritmo e, assim, durante o evento de culminância, a turma apresentasse suas criações.

Os textos criados pelos alunos seguiram o tema do “empoderamento feminino” a partir de *brainstorm*, já citado no item “Iniciativa”, para que se conhecesse o que pensavam os jovens a respeito de questões pertinentes ao assunto. Ao professor coube mediar as rodas de conversa e auxiliar os alunos na composição de seus versos, ajustando questões de

ortografia e concordância nominal e verbal com as quais tivessem alguma dificuldade.

O *rapper* convidado apresentou a cadência própria do ritmo musical que propôs: o *R.A.P.*, a fim de que ao final do bimestre os alunos estivessem prontos a se apresentar no evento escolar.

4. Aplicação – mulheres contemporâneas – R.A.P. e hip-hop

Alocados na “sala de vídeo” da Unidade Escolar, os alunos da turma 901, assistiram a alguns vídeos relacionados ao eixo temático “empoderamento feminino”. Os vídeos assistidos foram: “Feminismo – Princípios do Empoderamento Feminino – Philos TV”, “Por que você precisa do feminismo – Girl Power – Capricho”, “Padrao Assediador – de Karyna Rangel”. Os alunos também conheceram as artistas citadas anteriormente Negra Li, KarolConká, Nega Gizza, Dina Di e Mc Soffia. Receberam as letras das canções e conheceram um pouco da história de cada uma delas e a importância das mesmas no cenário musical de ritmos tradicionalmente masculinizados: o *R.A.P.* e o *hip-hop*.

A seguir os três grupos apresentariam discussão sobre os textos anteriormente recebidos. Os moderadores dos grupos tinham a função de fomentar a discussão sobre o assunto para que o restante da turma pudesse participar e expor seu posicionamento. Porém, ao serem solicitados a iniciar o debate, não o fizeram. Alegaram que a reportagem foi lida com facilidade, mas os outros dois textos não, já que necessitavam acessar um índice de inferência maior, devido aos artigos de Djamila Ribeiro, apresentarem algumas referências que não foram assimiladas pelos alunos. Além disso, os mesmos afirmaram que apresentaram dificuldades com o vocabulário.

Desse modo, a professora mediadora optou por ler a reportagem e os artigos e estimular os alunos a expressarem suas opiniões a respeito. Os mesmos mostraram-se um tanto incomodados com o significado de “recatada”, “do lar” e, especialmente com a citação do filósofo Rousseau, presente no artigo “Bela, recatada e do lar: matéria da ‘Veja’ é tão 1792”, de Djamila Ribeiro:

“[...] passa a provar que a mulher deve ser fraca e passiva, porque tem menos força física do que o homem; e, assim, infere que ela foi feita para agradar e ser subjugada por ele e que é seu dever fazer agradável a seu mestre – sendo este o grande fim de sua existência.”

Tal citação gerou uma série de discussões sobre o lugar da mulher no mundo, seu papel na sociedade, no mercado de trabalho e nas relações afetivas, nas quais, segundo eles, são inadmissíveis a submissão e a violência.

A seguir, foram apresentados documentários sobre o movimento paulista *Slam Resistência* e *Slam das Minas*, do Distrito Federal para que o grupo pudesse conhecer este tipo de evento. Alguns alunos afirmaram já ter presenciado uma batalha de poesia como aquelas vistas nos vídeos.

A proposta para o 4º bimestre deste ano letivo, com a turma participante do estudo era então produzir letras de música com a temática debatida para criar uma batalha de poesias, aos moldes do movimento *poetryslam*.

5. O movimento poetry slam

No final da década de 1980, Mark Kelly Smith, poeta norte-americano, organizou um evento no qual ele intencionava utilizar o hábito dos *saraus* que aconteciam em Chicago em competições de poesia. O evento propagou-se para outros Estados americanos e assim, representantes das periferias sentiram-se à vontade para expressar a “voz das minorias”.

Ao longo dos anos, o *Slampoetry* se transformou, tornando-se não apenas em uma “modalidade da poesia falada”, mas também um precursor da representatividade de minorias e grande influência na literatura de todos os lugares do mundo. Essas batalhas cresceram não apenas se tornando um popular jogo de poesia, mas criou-se uma identidade de resistência a partir do diálogo com as temáticas propriamente debatidas e enfrentadas por diversas comunidades, como o discurso racial, a ideologia de gênero, desigualdade social, o combate ao discurso de ódio e a contravenção ao regime opressor da atual conjuntura política. (PAIVA, 2019, p. 12)

Ainda de acordo com Paiva, as batalhas de poesia obedecem a algumas regras como: apresentar apenas poemas autorais, sem que haja qualquer recurso como figurino e adereços, respeitando-se o tempo de três minutos. Decidiu-se em nosso projeto tentar obedecer ao padrão estabelecido.

O *Slam* possui uma relação intrínseca com a cultura periférica. Além da poesia como protagonista, o próprio evento se configura como uma espécie de celebração. A presença de alguns elementos do campeonato pode ser facilmente associado a eventos da cultura hip-hop, como exemplo, a presença de um DJ para intermediar as performances. Além

disso, a linguagem muitas vezes coloquial e o conteúdo que constituem as poesias. (PAIVA, 2019, p. 13)

Ao falar do movimento *poetry slam* precisamos falar do *hip-hop*³⁹¹, visto que as batalhas de poesias foram “adotadas” pelos movimentos da periferia, onde a reflexão sobre questões sociais, raciais e políticas permeia os versos que são expressivamente declamados nestes eventos.

Os *rappers* ou *hip-hoppers*³⁹² assumem o papel de “disseminadores das narrativas do cotidiano, mostrando como vivem as pessoas, quais são seus sonhos, necessidades (...)”, como ressalta Souza.

Dentro de uma concepção bakhtiniana, a palavra emitida pela voz dos *rappers* é o resultado das interações entre os indivíduos que compartilham o mesmo contexto social. A relação dialógica entre os integrantes de um grupo resultam em um enunciado único que representa a voz daquela comunidade comunicativa. Como em uma analogia feita por Lindolfo Filho (2004 *apud* SOUZA, 2011, p. 61), os *rappers* “são os *griots* do terceiro milênio”, pois “tematizam o cotidiano, aconselham, denunciam, ensinam, tomando como referência aspectos do meio social, político, econômico e cultural em que vivem”.

Os eventos de *slam*, assim como os de *hip-hop* geralmente ocorrem em espaços públicos como praças, bares, metrô ou em locais destinados a esta prática. Os campeonatos de *poetry slam* são anunciados e posteriormente divulgados nas redes sociais.

Por seu caráter “alternativo”, poderia se encaixar nas características da literatura marginal, por ser concebida por autores que não fazem parte do mercado literário comercial, utilizarem-se de linguagem coloquial (com algumas exceções) e possuírem um viés primordialmente ideológico.

³⁹¹ *Hip-hop* (to *hip* = balançar; *hop* = quadril) é compreendido como movimento social juvenil urbano enraizado no segmento populacional de baixo poder aquisitivo, no qual a maioria negra e jovem, historicamente ganhou força nos Estados Unidos a partir do final dos anos 1970, espalhando-se posteriormente pelas grandes metrópoles do mundo. (SOUZA, 2011, p. 15)

³⁹² *Rapper* ou *hip-hopper* é o termo que designa as pessoas que mantêm relações com o universo do *hip-hop*, por meio de qualquer uma de suas expressões. (Lindolfo Filho, Jovino, 2005 *apud* SOUZA, 2011, p. 16)

5.1. Slam das Minas

O movimento *Slam das Minas* é um dos mais importantes grupos criados para divulgação de poesias, apresentadas no formato de batalhas. Surgiu no Distrito Federal, mas possui vertentes em São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro e outros Estados. Suas composições versam sobre problemas do cotidiano, como machismo, assédio, discriminação e violência contra a mulher.

Em entrevista concedida ao site *Escrevendo o futuro*, Pâmela Araújo e Carolina Peixoto, integrantes do grupo de São Paulo, afirmam que costumam oferecer oficinas de criação de *slam* em escolas da Zona Sul de São Paulo e percebem que a proximidade do *funk*, do *R.A.P.* e do *hip hop* despertam na criança e no adolescente o prazer na criação de poemas, que foram recitados por eles mesmos, segundo elas “muito bem construídos, com um cunho político muito forte. E são criações de um dos bairros mais carentes da cidade”.

6. Oficina de criação de R.A.P.

Uma antiga professora da Escola Estadual Municipalizada Olavo Bilac, ex-colega da mediadora deste projeto, havia levado à mesma escola, há alguns anos, um *rapper* da região. Na ocasião, a professora trabalhava com uma turma de 6º ano, visto que o gênero textual é contemplado nessa série escolar. Talvez por imaturidade dos estudantes, bem jovens, na faixa dos 10 a 12 anos de idade a oficina promovida pelo *rapper* não tenha causado um entusiasmo por parte do grupo.

A mediadora deste projeto, recordando-se deste evento promovido pela colega, fez contato com tal professora, que então, serviu como ponte para que o encontro com Obadias de Lima Guimarães, o Badu, acontecesse.

Em 30 de outubro, o músico gentilmente compareceu à Unidade Escolar, onde foi recebido pela equipe diretiva.

Para a turma 901 foi uma surpresa, pois eles sabiam que havia a possibilidade da intervenção de Badu, mas não sabiam quando e nem mesmo se o que foi planejado daria certo. Badu contou um pouco de sua história como ex-aluno da escola, seus problemas disciplinares, que perduraram ao atingir o Ensino Médio, quando além de poeta, tornou-se grafiteiro.

Um professor o levou para o mundo da música. Ele estudou e hoje é instrutor de música em escolas da região e fotógrafo. A participação foi efetiva e a partir daí surgiram muitos momentos contagiantes de superação da timidez e de autoconhecimento. “Eu não sei escrever”, “eu não posso”, foram substituídos por textos que mostravam a personalidade de cada um. Esse momento concatena com os estudos de Erik Erickson (*Apud* CORTI; SOUZA, 2012, p. 21) teórico da Psicologia, que afirma que no início da adolescência a criança já adquiriu a linguagem, as regras sociais e o pensamento abstrato dos adultos.

A construção da identidade apresenta uma dimensão biológica, uma dimensão individual e uma social – todas independentes. (...) Até o início da adolescência, o indivíduo foi ampliando seu repertório de vivências e habilidades. A partir daí tratará de dar-lhes um sentido singular, passando a adotar uma perspectiva sobre a sua própria vida. Todo esse processo só é possível porque ele já possui um conjunto complexo de habilidades cognitivas e intelectuais. Ao descobrir suas habilidades, preferências e características, o adolescente passa a confrontar imagem que constrói de si próprio com as imagens que os outros lhe atribuem. (CORTI; SOUZA, 2012, p. 21)

As primeiras produções realizadas ainda durante a oficina tratavam sobre os mais variados assuntos: ambições profissionais, violência contra a mulher e racismo. A seguir algumas amostras de textos produzidos na ocasião.

7. Produção de poemas

A professora mediadora acordou com a turma que na semana seguinte daria início à produção dos poemas que se tornariam objetos da batalha *slam* e também alguns exemplos de *rap*. A apresentação da batalha ficou agendada o momento da culminância do projeto “Africanidades” que a escola promove interdisciplinarmente entre Filosofia, Geografia e História.

Imbuídos de uma responsabilidade atípica para os adolescentes, os alunos reclamavam a todo instante do prejuízo que estavam tendo perdendo aulas devido a um problema na rede elétrica da escola e combinaram com a professora de preparar suas produções textuais em casa e encaminhá-las através de mensagens de texto no aplicativo *WhatsApp*.

Os textos eram recebidos, as intervenções eram feitas pela mediadora e devolvidos a seguir para que seus autores os concluíssem.

Sendo assim, tão logo o problema de energia elétrica foi sanado e as aulas retornaram, a turma pode realizar os ensaios para a apresentação com os textos que haviam sido previamente encaminhados à professora junto a uma “batida *boom bap*”³⁹³ que pudesse auxiliá-los na marcação rítmica.

Os poemas versavam sobre o poder feminino e também sobre o racismo, para que pudessem “conversar” com a temática do evento onde seriam apresentados.

8. Apresentação do slam

O evento “Africanidades” foi dividido em apresentações nas salas temáticas na Unidade Escolar, onde os estudantes apresentaram trabalhos sobre cultura, religião e curiosidades. Na segunda etapa, na quadra esportiva da escola, ocorreram apresentações de dança e música.

O encerramento foi com a batalha *slam*.

Antes de iniciar a apresentação foi percebido que o equipamento de som da escola não estava em boas condições de uso, pois apresentava chiados e o microfone um som muitíssimo baixo. Uma aluna prontificou-se a ir até sua casa buscar um pequeno aparelho com entrada *USB* e *Bluetooth*, porém dada a amplitude da quadra, infelizmente não surtiu muito efeito.

Adaptando-se ao problema encontrado, os jovens foram apresentando suas poesias, um a um, sendo ovacionados pelos cerca de 200 estudantes presentes.

Foi perceptível o sentimento da aluna de orgulho ao concluir uma proposta de trabalho, apresentando-se para toda a escola, vencendo a timidez inicial que foi natural a todos os que se apresentaram e ser agraciada com a vitória.

³⁹³ O termo “boom bap” é uma onomatopeia que representa os sons usados para o bumbo e o tamol, respectivamente. O estilo é geralmente reconhecido por um *loop* de bateria principal que usa uma amostra de bumbo acústico contudente nos *downbeats* (<https://www.discogs.com/style/boom+bap>).

O texto apresenta algumas rimas e cadência na leitura, demonstra um desejo da aluna em ressaltar o valor da mulher na sociedade e a necessidade de abolição do machismo e do preconceito.

A professora providenciou alguns brindes para os participantes que comemoraram o final de dois bimestres de estudos sobre o tema proposto.

9. Conclusão

Falar sobre o “empoderamento feminino” tornou-se o objetivo desta pesquisa, visto que o tema está em voga e é de inegável relevância. Infelizmente, a violência contra a mulher e o feminicídio também precisaram ser citados, pois fazem parte do noticiário com uma frequência absurda.

É crucial fomentar nos jovens um debate sobre tal assunto. O adolescente, que em muitas das vezes presencia violência e desrespeito dentro do ambiente familiar, precisa começar a se posicionar de maneira contumaz em face a tais problemas e, como ser em formação, merece ter a oportunidade de aprender o que é e o que não é aceitável pela sociedade.

Os debates sobre a história do feminismo e um esperado *brainstorm* aconteceu durante a leitura de artigos e reportagens e exibição de vídeos sobre o assunto. Neste momento os jovens, já envolvidos no projeto, puderam externar tudo o que pensavam sobre o que estavam vendo e ouvindo sobre preconceito contra a mulher, sobre submissão, valorização, direitos iguais e outros assuntos da mesma linha. Debate muito rico e partilhado por todos, inclusive os que não estavam com participação efetiva. E isto foi importante como inspiração para as produções que viriam a seguir.

A participação do *rapper* da região, Obadias de Lima, o Badu, incentivou a criação de poemas que foram surgindo timidamente durante a oficina de criação proporcionada por ele e ganhando maior proporção à medida que os alunos insistiam em aprimorar o que estavam fazendo. Em pouco menos que duas horas, o artista conseguiu cativar aos adolescentes com as histórias de sua vida e ensinando-lhes um pouco de sua arte e de sua técnica.

A culminância trouxe um resultado bastante satisfatório, conforme os depoimentos dos alunos, já citados. São carregados de emoção e um sentimento de “dever cumprido”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Nigozi. Tradução: BAUM, Christina. *Sejamos todos feministas*. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

ALMEIDA, Marina. *Slam das Minas: mulheres na batalha poética. Escrevendo o futuro*, 2017. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/slam-das-minas>. Acesso em: 27/09/2019.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense, Brasília, 2017.

AMORIM, Alexandre. Ler uma canção, escutar um poema. *Educação Pública – Biblioteca CECIERJ*, 2010. <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura>. Acesso em: 29/07/2020.

BASE NACIONAL CURRICULAR. *A Etapa do Ensino Fundamental no Contexto da Educação Básica*. A Área de Linguagens. Língua Portuguesa. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 21/07/2020.

COMO surgiram os ritmos funk e rap? *Superinteressante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/como-surgiram-os-ritmos-funk-e-rap/>. Acesso em: 22/11/18.

CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2012.

MÉDICI, Júlia; CASTRO, Clariana; MONTEIRO, Tiago. *O Futuro é Feminino: O empoderamento feminino por meio da música*. Instituto Federal do Rio de Janeiro, Nilópolis, RJ. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba-PR, 04 a 09/09/2017.

PAIVA, Edson Prazeres Ribeiro. *Batalhas de Poesia Slam: Representatividade Sócio-literária*. João Pessoa, 2019.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola, 2011.

ZILBERMAN, Regina. *A Leitura e o Ensino da Literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

Outras fontes

A HISTÓRIA do hip hop. *Portal Educação*. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/nutricao/a-historia-do-hip-hop/48433>. Acesso em: 19/10/2019

DESCRIÇÃO da música boom bap. *Discogs.com*. Disponível em: <https://www.discogs.com/style/boom+bap>. Acesso em: 25/11/2019.